
RESILIÊNCIA E EDUCAÇÃO: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A PRÁTICA DA LOGOEDUCAÇÃO*

DOI 10.18224/frag.v32i4.13032

JOSILENE SILVA DA CRUZ**

THIAGO ANTONIO AVELLAR DE AQUINO***

Resumo: *o presente artigo objetiva apresentar a relevância que a resiliência tem na prática escolar e no escopo da logoeducação, que consiste na aplicação da Logoterapia – a terapia orientada para o sentido, proposta pelo psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl – ao âmbito da educação. Para tanto, o texto apresenta um caso prático da logoeducação em uma escola que utiliza as bases da referida teoria em sua prática pedagógica. Um estudo de caso realizado junto aos professores indicou que a resiliência e a empatia são os elementos mais significativos na ação pedagógica do cotidiano escolar, de acordo com a visão das logoeeducadoras que contribuíram com o estudo.*

Palavras-chave: *Resiliência. Logoeducação. Fenomenologia.*

O presente artigo objetiva apresentar a relevância que a resiliência tem na prática escolar e no escopo da logoeducação, que consiste na aplicação da Logoterapia – a terapia orientada para o sentido, proposta pelo psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl – ao âmbito da educação.

Os aspectos pedagógicos presentes na perspectiva frankliana encontram-se pautados em seu fundamento antropológico, conforme destaca Bruzzone (2011, p. 8 – tradução nossa): “a análise existencial de Viktor E. Frankl oferece estímulos teóricos de incontestável valor, devido, principalmente, ao sólido fundamento antropológico que a sustenta”. O referido autor acrescenta que esse fundamento propõe uma pedagogia que visa “prevenir reducionismos e que também objetiva

* Recebido em: 16.12.2022. Aprovado em: 28.12.2022.

** Doutora em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Integrante do Laboratório de Pesquisa em Logoterapia e Análise Existencial – LAPLAE. Docente do Departamento de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. *E-mail*: josilenesilva@uern.br

*** Doutor e Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Docente credenciado do Programa de Pós-graduação em Ciências de Religião na Universidade Federal da Paraíba. *E-mail*: thiagoaquino19.ta@gmail.com

prevenir todo desvio do discurso pedagógico como saber autárquico, autorreferencial ou meramente acadêmico” (BRUZZONE, 2011, p. 8 – tradução nossa). Em outros termos, trata-se de uma pedagogia que ultrapassa as perspectivas ortodoxas de aprendizagem, colocando o papel do docente e do discente numa horizontalidade e propondo uma aprendizagem mais significativa.

Nessa direção, destacam-se os apontamentos de Aquino (2015, p. 22-23) demonstrando as diretrizes existentes na logoeducação: i) educação sem reducionismos, considerando a totalidade do educando como ser biopsicoespiritual; ii) educação para a autotranscendência, buscando a abertura para o mundo; iii) educação teleológica, baseada nos questionamentos “por quê” e “para quê”; iv) educação para a resiliência, fundamentada nas perspectivas para a vida com mudanças de perspectivas; v) educação para o sentido, tratando de temáticas existenciais e fomentando a busca de sentido; vi) educação para os valores existenciais, destacando os valores mais elevados e auxiliando no entendimento e superação do sofrimento; e vii) educação dialógica, tendo em vista que o instrumento mediador da busca de sentido é o diálogo.

Dentre as diretrizes destacadas por Aquino (2015), enfatiza-se, nesse estudo, “educar para a resiliência”. Essa ênfase deve-se ao fato de que a resiliência é considerada como um constructo que está diretamente ligado à dimensão noética, assim como a espiritualidade, conforme enfatiza Bellantoni (2019, p. 131 – tradução nossa): “constructos como: bem-estar existencial, saúde biopsicosocioespiritual, resiliência ou crescimento pós-traumático também estão relacionados à espiritualidade ou à religião”.

O manuscrito foi organizado em três seções que visam apresentar respectivamente: os aspectos da resiliência enquanto elemento constitutivo da dimensão noética ou noológica, em termos franklianos; a apresentação do estudo de caso realizado no Colégio Viktor Frankl; e, por fim, na última seção, a análise fenomenológica realizada mediante as entrevistas concedidas pelas logoeucadoras que contribuíram com a pesquisa.

A RESILIÊNCIA COMO FATOR DE ENFRENTAMENTO DE ADVERSIDADES

Compreendendo o processo de educar como algo de dimensão bem mais abrangente do que apenas transmitir conhecimento, apreende-se que ele transcende o simples ato de conhecer. No entanto, para que tal ato ocorra, a sensibilidade do educador é necessária para perceber as necessidades de seus educandos. Mediante um olhar mais sensível, vislumbra-se que o ambiente escolar é o lugar propício para promover o amadurecimento de princípios e conceitos que podem ser vistos como “primordiais” para que o educando se fortaleça e supere os conflitos e adversidades da vida, como sugere o elemento em destaque: a resiliência.

Vale salientar que a resiliência apresenta diversas definições e, historicamente, na maioria das publicações acerca do tema, encontra-se a referência de sua origem relacionada à física e à engenharia, expandindo-se para outros campos da ciência, dentre eles, a psicologia. Em geral, a resiliência é compreendida como a capacidade de superação das situações adversas da vida, como determinadas circunstâncias que normalmente são compreendidas como negativas: uma doença, um estado de tristeza, situações de luto, catástrofes, limitação cognitiva, entre outros. No entanto, é necessário indicar algumas das definições mais recorrentes sobre o termo, para constatar as perspectivas mais recentes em outras áreas.

O conceito de resiliência foi recentemente introduzido nas ciências sociais e na medicina, vindo do campo da engenharia. Acevedo e Battafarano (2008, p. 16 – tradução nossa) a definem como “a capacidade de enfrentar circunstâncias adversas e emergir reforçado a partir delas; é um

potencial do espírito humano, que pode ser atualizado em circunstâncias que ataquem a integridade pessoal ou comunitária, sejam estas situações previsíveis ou mesmo inesperadas”.

Os autores acrescentam que Viktor Frankl falou sobre a resiliência, porém, sem nomeá-la. Acevedo e Battafarano (2008) indicam que o uso do termo tem origem no campo das ciências exatas e, posteriormente, foi sendo introduzido no campo das ciências humanas. Conforme Brandão, Manfoud e Gianordoli-Nascimento (2011), o termo foi inserido no contexto da psicologia associada aos estudos da vulnerabilidade. De acordo com os autores, entre as décadas de 1970 e 1980, alguns pesquisadores americanos e ingleses começaram a dar atenção “para o fenômeno das pessoas que permaneciam saudáveis apesar de expostas a severas adversidades. Chamaram, inicialmente, essas pessoas de invulneráveis e o fenômeno, de invulnerabilidade, com o termo que seria mais tarde substituído por resiliência” (BRANDÃO; MANFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011, p. 263).

Etimologicamente, o vocábulo se origina do latim, *resiliens*, que “significa saltar, voltar, ser impelido, recuar, encolher-se, romper” (FAJARDO; MINAYO; MOREIRA, 2010, p. 762). Os autores também complementam com a conceituação presente no dicionário: “Propriedade de um corpo de recuperar a sua forma original após sofrer choque ou deformação [...] Capacidade de superar, de recuperar de adversidades” (FAJARDO; MINAYO; MOREIRA, 2010, p. 762), lembrando que os diversos conceitos atribuídos ao termo variam de acordo com o objeto, com o material e também com os seres vivos:

De acordo com Yunes (2001) existem no dicionário de língua inglesa dois raciocínios para o termo resiliência que se aplicam tanto para materiais quanto a pessoas. O primeiro se refere à habilidade de voltar rapidamente para seu estado normal de saúde ou de espírito depois de passar por doenças e dificuldades, por exemplo. A segunda acepção diz respeito à propriedade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão à removida. Esta última remete ao conceito original atribuído à Engenharia e à Física que busca estudar até que ponto um material sofre impacto, volta ao seu estado original e não fica deformado quando tais forças deixam de atuar sobre o mesmo (FAJARDO; MINAYO; MOREIRA, 2010, p. 764).

Diversos autores corroboram essas considerações acerca do termo resiliência e de suas origens vinculadas ao âmbito da engenharia e da física, porém, o mais significativo encontra-se na sua relação ou ligação com a capacidade/habilidade humana, que pode ser um fator de reabilitação da saúde. É preciso lembrar que “ao falar da resiliência humana, afirma-se que é a capacidade de uma pessoa ou de um sistema social viver de forma saudável e desenvolver-se humanamente, apesar das difíceis condições de vida e, ainda mais, de sair fortalecido e ser renovado por elas” (ACEVEDO; BATTAFARANO, 2008, p. 66 – tradução nossa). Vale lembrar que a resiliência é vista como um dos fenômenos constitutivos do ser humano:

O que é indicado hoje com o conceito de “resiliência” ou, também, “crescimento pós-traumático” - capacidade de manter um equilíbrio psicológico estável, mesmo em situações de luto, sofrimento e trauma [...] ou, de fato, fazer disso uma oportunidade de crescimento (Calhoun et al., 2000) - já havia sido indicado por Frankl, com o nome de “força de resistência do espírito”, como uma competência humana típica, enraizada no nível espiritual da pessoa e expressa nas performances apoiadas pelos valores de atitude (BELLANTONI, 2019, p. 64-65 – tradução nossa).

Corroborando o autor, vislumbra-se a resiliência como uma competência/habilidade humana enraizada na dimensão espiritual, assim como a liberdade, intimamente unida “à educação da inteligência espiritual. [...] Ser livre é, entre outras coisas, pensar por si mesmo, realizar as decisões oportunas conforme a própria visão do mundo e dos valores, tomar as rédeas da própria vida e assumir a própria identidade” (TORRALBA, 2013, p. 270).

É preciso enfatizar, além disso, que a resiliência é formada ou desenvolvida a partir de um conjunto de fatores, incluindo questões biológicas na mesma medida em que se inserem questões sociais, como indica Boris Cyrulnik (2006):

É melhor dizer que a resiliência é um processo diacrônico e sincrônico: as forças biológicas do desenvolvimento se articulam ao contexto social para criar uma representação do self que permita a historização do sujeito. Pode-se dizer, mais simplesmente, que a resiliência é um tecido que une a lã do aumento do desenvolvimento com uma lã afetiva e social. Por isso, é melhor descrever um itinerário de personalidade de resiliência e tentar entender como ele se esgueira através dos golpes do destino, para, no entanto, tecer-se com suportes sólidos (CYRULNIK, 2006, p. 40 – tradução nossa).

Dito de outro modo, a resiliência é construída ao longo do processo de desenvolvimento do sujeito, considerando seu próprio modo de ser e as vivências experienciadas ao longo da vida. Assim, a resiliência é formada ou desenvolvida a partir de um conjunto de fatores que se unem e fortalecem o ser humano em sua relação com o mundo.

EVIDENCIANDO A LOGOEDUCAÇÃO E A RESILIÊNCIA

Com o intuito de descrever de maneira ampla o fenômeno da logoeducação e sua articulação com a resiliência, o presente artigo utilizou o método de estudo de caso para discriminar a logoeducação presente na prática pedagógica de uma instituição de ensino fundamental e médio que abraça a teoria frankliana em seu cotidiano. A descrição foi viabilizada por esse método porque permitiu trazer à tona os elementos capazes de “explicar os vínculos causais em intervenções da vida real” (YIN, 2001, p. 34). Ademais, “estudos de caso vêm sendo usados há muito tempo em diferentes áreas de conhecimento, tais como: sociologia, antropologia, medicina, psicologia, serviço social, direito e administração, com métodos e finalidade variadas” (ANDRÉ, 2013, p. 96).

Desse modo, seu uso nesta asserção se justifica sob diversos aspectos, porém, cabe ressaltar que “[...] o método do estudo de caso refere-se a uma análise rigorosa de uma situação específica e, portanto, ele tem como principal objetivo a preservação do caráter unitário do objeto estudado pelo investigador” (MARUJO, 2016, p. 116). Esse destaque é importante porque buscou-se investigar ou compreender melhor o fenômeno da logoeducação e da resiliência no contexto da prática escolar da instituição selecionada para a análise.

Outro aspecto relevante para a utilização do estudo de caso se dá pelo processo de evolução do método, sobretudo na área da educação, conforme se constata a seguir:

Em educação, os estudos de caso aparecem em manuais de metodologia de pesquisa das décadas de 1960 e 1970, mas com um sentido muito limitado: estudo descritivo de uma unidade, seja ela uma escola, um professor, um grupo de alunos, uma sala de aula. [...] Já nos anos de 1980, no contexto das abordagens qualitativas, o estudo de caso ressurgiu

na pesquisa educacional com um sentido mais abrangente: o de focalizar um fenômeno particular, levando em conta seu *contexto* e suas *múltiplas dimensões*. Valoriza-se o aspecto unitário, mas ressalta-se a necessidade da *análise situada e em profundidade* (ANDRÉ, 2013, p. 96-97).

De acordo com o exposto, o principal objetivo do estudo de caso está na análise das particularidades de um fenômeno específico, considerando, sobretudo, “seu *contexto* e suas *múltiplas dimensões*” e almejando a valorização da singularidade do fenômeno, sendo necessária uma “*análise situada e em profundidade*”. Assim, explicita-se uma das justificativas para essa escolha no presente estudo, tendo em vista a especificidade da relação entre logoeducação e resiliência no contexto escolar, porque “[...] o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos” (YIN, 2001, p. 21).

Nessa direção, o referido autor destaca ainda que os estudos de caso “representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (YIN, 2001, p. 19). Para André (2013, p. 99), de acordo com “Basse (2003) [...] há três grandes métodos de coleta de dados nos estudos de caso: fazer perguntas (e ouvir atentamente), observar eventos (e prestar atenção no que acontece) e ler documentos”.

Com isso em mente, se fez a opção pelo estudo de caso único, de acordo com a tipologia proposta por Yin (2001), por tratar-se de um fenômeno ainda pouco conhecido e discutido no âmbito das ciências da religião: a logoeducação. Ademais, é preciso esclarecer que, de acordo com o próprio Yin (2001, p. 61-63), o estudo de caso único fundamenta-se pelo menos sob três aspectos: “quando ele representa o caso decisivo ao testar uma teoria bem-formulada”, “aquele em que o caso representa um caso raro ou extremo” e “o terceiro fundamento para um estudo de caso único é o caso revelador”.

Desse modo, evidencia-se o porquê do método selecionado, tendo em vista que permite a preservação das “características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (YIN, 2001, p. 21) e, por esse motivo, o estudo de caso torna-se viável em função de seu pressuposto:

Para Gil (2009), o estudo de caso compreende as seguintes características: é um delineamento de pesquisa e, portanto, não pode ser confundido com uma técnica para coleta de dados; investiga um fenômeno contemporâneo; preserva o caráter unitário do fenômeno investigado; não separa o fenômeno do seu contexto; é um estudo em profundidade; requer a utilização de múltiplos procedimentos de coleta de dados (MARUJO, 2016, p. 116).

Com esses esclarecimentos, destaca-se a seguinte característica no estudo aqui proposto: estudo de caso único, que visa averiguar a eficiência da teoria logoterapêutica em seus aspectos antropológicos e pedagógicos. Optou-se por esse tipo de estudo devido à especificidade do fenômeno analisado: a aplicação integral dos preceitos logoterapêuticos em âmbito educativo.

Para essa finalidade, selecionou-se uma escola brasileira que aplica os fundamentos da logoeducação em suas atividades pedagógicas, tendo em vista que o critério da escolha foi a aplicação dos princípios franklianos na educação. Isso se fez necessário porque, na logoeducação, o que se privilegia é uma aprendizagem significativa que valoriza as individualidades de cada um dos envolvidos no processo educativo.

A amostra da pesquisa contou com a colaboração de seis participantes: professoras do ensino infantil e fundamental, que se dispuseram a contribuir com a pesquisa voluntariamente, assinando

o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para manter suas identidades preservadas, foram utilizados pseudônimos para resgatar suas falas, utilizando-se a nomenclatura de flores que trazem algumas características presentes na postura de cada uma das logoeeducadoras durante o processo de entrevista e nas formas com que cada uma respondeu às questões da pesquisa.

Desse modo, para cada uma das colaboradoras foi atribuído um nome de uma flor, de acordo com a característica mais evidente naquele momento: *Peônia (Tímida)*; *Gérbera (Extrovertida)*; *Margarida (Espontânea)*; *Hortênsia (Caprichosa/Atenciosa)*; *Prímula (Objetiva)* e *Girassol (Ativa/Enérgica)*¹

. Obviamente, essas impressões da pesquisadora não restringem outras características da personalidade de cada participante, porém, essas aqui elencadas foram as mais perceptíveis durante a entrevista realizada no próprio ambiente da unidade do CVF, em Ribeirão Preto (SP).

As logoeeducadoras que contribuíram com o estudo atendiam ao critério de inclusão da pesquisa, que consistia em abordar professores efetivos que atuam no ensino regular fundamental I e II da instituição escolhida como cenário da pesquisa. Já o critério de exclusão equivalia a professores efetivos que atuam no ensino regular fundamental I e II e que se recusassem a assinar o TCLE, de modo que, depois que foram informadas do objetivo da pesquisa, voluntariamente se dispuseram a colaborar assinando o termo e respondendo ao questionário sociodemográfico, seguido da gravação das perguntas disparadoras que contemplavam a entrevista.

O instrumento utilizado para realizar o presente estudo consistiu em entrevista semiestruturada. De forma mais específica, uma entrevista fenomenológica, com características peculiares pois, segundo Giorgi e Sousa (2010, p. 80), “a teoria da entrevista fenomenológica é distinta de entrevistas estruturadas ou de questionários previamente organizados e fechados [...] a entrevista se torna um espaço inter-relacional, dialético e de conversação entre sujeitos”.

Ademais, os autores lembram que o intuito da pesquisa de caráter fenomenológico vislumbra obter informações a partir das experiências dos sujeitos. Nesse sentido, a entrevista torna-se um dos instrumentos mais relevantes, tendo em vista que possibilita captar mais detalhes pelo fato de se estimular, a partir das falas dos sujeitos partícipes, como eles vivenciam aquela experiência em seu cotidiano, para apreender o máximo de informações sobre o fenômeno em questão (GIORGI; SOUSA, 2010).

Para efetuar a coleta efetiva dos dados da pesquisa, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os sujeitos partícipes responderam a um questionário sociodemográfico contendo questões como: idade, sexo, formação acadêmica, tempo de atuação docente no CVF, entre outras. Em seguida, realizou-se a entrevista, baseada nas questões disparadoras elaboradas pela pesquisadora. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para se proceder a análise com o método fenomenológico de Amedeo Giorgi.

As colaboradoras da pesquisa foram abordadas no ambiente escolar para responder ao questionário sociodemográfico e entrevista que continha as seguintes perguntas disparadoras:

a) Na sua percepção, como a logoeeducação pode contribuir com o desenvolvimento da resiliência do seu educando?

b) Qual a contribuição da logoeeducação na sua prática pedagógica?

A coleta foi realizada em áudio, individualmente, no ambiente escolar, em sala reservada, após a autorização e agendamento prévio da visita para a referida coleta, mediante contato da pesquisadora com a fundadora da escola. Cada entrevista durou entre 15 e 20 minutos. No primeiro momento, cada participante da pesquisa se dispôs, espontaneamente, a falar dos projetos existentes no CVF, o que auxiliou no processo de compreensão da logoeeducação na prática. Em seguida, foi realizado o processo de coleta propriamente dito, com o preenchimento do questionário sociodemográfico e a gravação em áudio das respostas referentes às duas questões disparadoras.

O método de análise selecionado para o presente estudo consiste na análise fenomenológica proposta por Amedeo Giorgi que, por sua vez, fundamenta-se na fenomenologia de Edmund Husserl, também conhecida como fenomenologia filosófica, tendo “como primado fundamental a intencionalidade da consciência. Permite ao próprio investigador iniciar as diferentes reduções (eidética, fenomenológica, transcendental), procura alcançar a essência de um determinado fenômeno de estudo, descrevendo-o minuciosamente, com o objetivo de obter conhecimentos apodícticos” (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 73).

Atendo-se ao escopo deste estudo, não se apontam todas as características fundantes da fenomenologia husserliana, mas destacam-se alguns de seus pressupostos para auxiliar na compreensão das bases da fenomenologia aplicada à psicologia, como propõe Amadeo Giorgi. “O método fenomenológico empírico (MFE) elaborado por Giorgi (2006), inicialmente, foi aplicado em pesquisas que investigaram vivências de processos de aprendizagem, no entanto, se expandiu para investigar outros tipos de vivências” (CASTELO BRANCO, 2014, p. 193).

Nesse sentido, Giorgi e Sousa esclarecem:

O método fenomenológico de investigação em psicologia segue o conceito epistemológico da consciência intencional. No entanto, introduz algumas alterações ao método filosófico, de modo a que este possa ser transposto para o contexto da investigação científica. O primeiro aspecto a salientar é que a ordem dos passos a seguir é diferente da do método filosófico. No método aplicado à Psicologia, o investigador inicia seu estudo, obtendo descrições de experiências de outros sujeitos. Num segundo momento, desenvolve a redução fenomenológica psicológica e, simultaneamente, adota uma perspectiva psicológica sobre o tema de estudo. Finalmente, num terceiro momento, o investigador procura estabelecer a “essência” do objeto de estudo através da variação livre imaginativa, na qual a análise eidética é enquadrada pela perspectiva psicológica do investigador, que define sínteses de significados psicológicos sobre o tema, não uma essência que reclame uma validade apodíctica (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 74, grifos nossos).

Desse modo, torna-se necessário lembrar que “o método fenomenológico filosófico compreende três etapas estreitamente imbricadas: 1) a redução fenomenológica; 2) a descrição; 3) a busca das essências” (GIORGI, 2012, p. 391). O método fenomenológico proposto por Giorgi possui como objetivo principal “*desvelar* e articular o sentido psicológico vivido pelos participantes, em relação ao objeto de estudo da investigação” (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 88).

Além disso, articula aspectos presentes na fenomenologia husserliana com outros elementos, como a variação livre imaginativa, por exemplo. Ademais, um ponto fulcral que diferencia as perspectivas da fenomenologia filosófica e da psicológica, encontra-se no destaque dado à *descrição do sujeito*. Enquanto na primeira a ênfase encontra-se na interpretação ou compreensão do pesquisador, na segunda, o centro das atenções volta-se para o sujeito que vivencia a experiência.

Nesse sentido, torna-se de extrema relevância a coleta dos dados por meio da fala e, por isso, a entrevista é um recurso valorizado nesse método, com uma peculiaridade, que está no fato da entrevista fenomenológica como foi dito anteriormente, consistir em um local privilegiado de diálogo inter-relacional de conversação entre sujeitos. (GIORGI; SOUSA, 2010)

É importante lembrar que a opção pelo método fenomenológico neste estudo se deu porque ele “enfoca fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são base-

adas na experiência vivida. É importante a experiência tal como se apresenta, e não o que possamos pensar, ler ou dizer acerca dela” (MOREIRA, 2002, p. 108). Nos casos em que se utiliza o método fenomenológico, o que mais interessa é a experiência vivida no mundo e no cotidiano dos sujeitos, como é o caso da logoeducação enquanto fenômeno presente no cotidiano escolar.

Desse modo, a análise das entrevistas, apresentadas nesta seção, foi realizada mediante a perspectiva fenomenológica de Amedeo Giorgi, seguindo os passos do método. A pesquisadora efetuou: 1) a coleta dos dados verbais; 2) a leitura geral dos dados; 3) a divisão dos dados em unidades; 4) a organização e a enunciação dos dados brutos em linguagem da disciplina; e, por fim 5) a síntese ou resumo dos resultados para fins de comunicação à comunidade científica (GIORGI, 2012).

Valorizando as perspectivas presentes na análise fenomenológica, sobretudo a experiência do sujeito, o presente estudo traz em sua análise recortes das falas dos colaboradores da pesquisa, seguindo os passos da variante fenomenológica do referido autor e realizando “uma descrição concreta e detalhada da experiência e dos atos do sujeito, que seja tão fiel quanto possível ao que ocorreu, tal como ele o viveu” (GIORGI, 2012, p. 398).

Na análise fenomenológica de Giorgi (2012), os dois primeiros passos não são visíveis de forma explícita, no entanto, nesta exposição, foram rigorosamente seguidos. Desse modo, os passos mais perceptíveis foram evidenciados, sendo necessário esclarecer que, neste estudo, optou-se por sintetizar em uma tabela a divisão das unidades de significado (correspondentes ao terceiro passo), retiradas das entrevistas coletadas que tratavam da relação entre resiliência e logoeducação.

Na coleta realizada com as participantes da pesquisa, seis unidades de sentido foram identificadas de modo recorrente nas entrevistas coletadas. A empatia e a resiliência foram as mais frequentes, demonstrando a sua relevância para as logoeadoras, seguidas dos atos de consciência e responsabilidade como ações significativas na dinâmica logoeeducativa, também recorrentes em suas falas; e, por fim, numa frequência menor, ainda que significativa: a percepção das possibilidades do educando “vir a ser” e a autotranscendência.

Todas essas unidades estão representadas na perspectiva logoeeducativa, tendo em vista que são contempladas na teoria frankliana que dá suporte para essa “pedagogia centrada no sentido” (FREITAS, 2017), de modo que, para tornar essa relevância mais evidente, foi feita a transformação de algumas das unidades na linguagem da teoria, conforme orienta Giorgi (2012).

No que se refere à organização e enunciação dos dados na linguagem específica da teoria ou da disciplina (equivalente ao quarto passo da análise), realizaram-se alguns recortes das falas dos sujeitos, cuja descrição não corresponde à sua totalidade. Desse modo, no que se refere à unidade empatia, encontrada nas falas de quatro das seis logoeadoras entrevistadas, para efetuar a análise foram destacados apenas dois trechos, que serão expostos a seguir:

Falas dos sujeitos - Unidade “Empatia”	Enunciação na linguagem da teoria
<p><i>A resiliência ela é a auto-transcendência pra a gente poder colocar a criança no lugar do outro, então nós trabalhamos com eles a respeito sobre disso em relação a eles sempre saber se colocar no lugar do outro (...)</i> (Margarida)</p>	<p>Para Margarida, a resiliência pode ser vista como autotranscendência – essência da existência – possibilitando a conscientização da criança a partir de um processo empático e evidenciando que, a partir do momento em que ela se coloca no lugar do outro, passa a compreender melhor seu próprio universo e, conseqüentemente, o universo do outro.</p>
<p><i>A partir do momento em que ele aprende a se colocar no lugar do outro a entender que a frustração faz parte da vida e que ele pode passar por cima disso creio que ela cresce muito como é... pessoa, e como aluno também.</i> (Primula)</p>	<p>Primula defende que a resiliência corresponde à empatia e quando a criança aprende a se colocar no lugar do outro, também aprende a perceber a frustração como algo comum e presente na vida de qualquer pessoa, ou seja, a frustração é algo natural. Assim, ela (a criança) percebe que seus problemas e/ou dificuldades são comuns, sendo preciso superá-los, ou seja, ser resiliente.</p>

De acordo com as logoeeducadoras, o fenômeno da resiliência está diretamente ligado a um processo empático em que as crianças (mesmo as de menor idade) aprendem a lidar com as frustrações, se colocando no lugar do outro e percebendo que elas (as frustrações) fazem parte da vida e precisam ser superadas. As colaboradoras da pesquisa ilustraram essa articulação entre resiliência e empatia apoiadas nos projetos existentes, como indicou *Hortênsia* ao exemplificar as assembleias – que consistem em momentos coletivos de diálogo nos quais os alunos são levados a agir democraticamente, reconhecendo o papel de cada um na instituição, valorizando a responsabilidade e absorvendo a noção de causa e consequência. Segundo a logoeeducadora entrevistada, nessas assembleias “*eles conseguem colocar pra fora aquilo que os está agonizando, então eles colocando pra fora eles percebem outros ajudando com algumas respostas ou com alguns outras vivências que eles já tiveram conseguem perceber que aquele problema não era tão grande [...]*”.

Embora cada uma das participantes enfatize de uma forma diferente a empatia, sendo vista por vezes como autotranscendência, outras como resiliência, o que mais importa é que as logoeeducadoras percebem que é extremamente importante fazer com que seus logoeeducandos aprendam a ver as coisas a partir da ótica do outro, tentar sentir a dor do outro. Pensar em como o outro se sentiria com a sua atitude torna-se imprescindível pois, só quando o educando absorve esse entendimento de que, ao se colocar no lugar do outro, ele está ajudando a si mesmo, pode-se dizer que ele está vivendo uma aprendizagem significativa e uma autêntica vivência da autotranscendência.

Tratando da segunda unidade, a “força de resistência do espírito”, em outros termos, a própria resiliência, se fez presente nas falas de quatro das seis entrevistadas, de forma direta e indiretamente em todas as respostas. Como elemento recorrente nas falas, algumas passagens consideradas mais significativas foram selecionadas para ilustrar a percepção das logoeeducadoras acerca deste fenômeno:

Falas dos sujeitos - Unidade “Força de resistência do espírito”	Enunciação na linguagem da teoria
<p><i>Eu acredito que ao trabalharmos a logoterapia no Colégio nós é... incentivamos as crianças a não desistirem como eles precisam entender, olhar eles mesmos como se estivessem fora deles [...] (Hortênsia)</i></p>	<p>Na exposição de <i>Hortênsia</i> encontra-se o registro de como a logoterapia, de forma mais específica, a logoeeducação, contribui para o desenvolvimento da resiliência; por meio do incentivo constante para que a criança não desista na primeira tentativa. Através do exercício do autodistanciamento, olhando a situação de fora, consegue-se perceber outras possibilidades e persistir para conseguir o que deseja. A força de resistência do espírito atua no processo de persistência.</p>
<p><i>Bom, primeiro a criança ela vai começar, ela vai aprender a fazer escolhas usando a consciência, percebendo que ela é livre pra fazer essas escolhas. Na minha faixa etária a gente auxilia pra que ela aprenda a fazer essas escolhas da melhor forma tendo essa noção de causa, de consequência, dos ganhos, das perdas, encorajando as crianças a fazer sempre aquilo que for de melhor pra ela e pro todo (Girassol)</i></p>	<p><i>Girassol</i> defende que a resiliência se desenvolve a partir do incentivo feito às crianças para realizar escolhas livres e conscientes. Na perspectiva logoeeducativa, essas escolhas são instigadas a partir da noção de causa e consequência, contrabalanceando ganhos e perdas e estimulando a criança a fazer sempre o melhor para si mesmo e para a coletividade. A força de resistência do espírito se demonstra nas ações conscientes, superando perdas em função do equilíbrio entre as causas e consequências de suas atitudes e, em última instância, atua na superação e encorajamento para fazer as melhores escolhas para o bem comum.</p>

Nos recortes acima destacados percebe-se que o fenômeno da resiliência, chamado de força de resistência do espírito na perspectiva teórica de Frankl, é concebida de várias formas pelas educadoras, porém, em geral, está associada à superação de desafios e à persistência. Como destaca *Peônia*, “*a resiliência ela vai sendo desenvolvida na criança no... no dia a dia*”, então precisa ser vista como um processo e não como algo acabado e definido pois, como enfatizou a logoeeducadora, ela vai sendo desenvolvida no cotidiano.

Ademais, nos trechos apresentados encontra-se a ênfase para o processo de superação e valorização da persistência. Essas características são recorrentes em pessoas ditas resilientes, tendo em vista que a resiliência consiste não só na superação de adversidades, mas, sobretudo, no fortalecimento que o indivíduo pode adquirir em função delas. Para o mentor da Logoterapia, a resiliência é a força desafiadora do espírito, porque possibilita a superação dos condicionantes psicofísicos e sociais. Ela “se manifesta no corpo e nas emoções, mas se origina na dimensão noética, propriamente humana. A atitude resiliente é um grande fator protetor da saúde física e mental [...]” (FREITAS, 2017, p. 144).

A resiliência tem uma ligação direta com o processo de persistência e superação e isso é demonstrado durante os projetos desenvolvidos no CVF, conforme destaca Gérbera: “eles precisam ter a resiliência de tentar novamente, [...] pra concluir a obra bem feita é preciso que eles tenham muita resiliência pra sempre tentar ser melhor do que eles mesmos”. A referência à obra bem feita (OBF) consiste em mais um dos projetos existentes na instituição. Nesse projeto, o estímulo à superação das dificuldades é uma constante no cotidiano das crianças, tendo em vista que elas têm atividades diárias a serem realizadas, que são postas como metas que, ao serem atingidas, vão sendo pontuadas. O projeto estimula a realização das tarefas cotidianas e, ao final do intervalo de tempo (normalmente mensal), ocorre uma espécie de “premiação coletiva”, sem nenhuma forma de penalização caso não se cumpra a meta, focando no estímulo para a superação daquela pendência, ou seja, a superação daquela dificuldade.

As demais unidades de significado apareceram numa frequência menor, mas também têm sua relevância e foram destacadas num último quadro para facilitar a visualização. Desse modo, as unidades “Atos de consciência”, “Responsabilidade”, “Vir-a-ser” e “Autotranscendência” ficam evidenciadas sequencialmente:

Falas dos sujeitos - Unidade “Atos de consciência”	Enunciação na linguagem da teoria
<p><i>A logoeeducação, a logoterapia a gente usa muito o aguçar a consciência, a buscar de uma maneira assim que eles possam fazer um, um diálogo entre eles pra que eles possam conseguir resolver alguns conflitos tirando da melhor maneira possível, então, eu não posso falar da assembleia né... mas é uma das coisas que a gente usa muito para aguçar a consciência é [...] com diálogo socrático, a gente colocar os pontos de vistas, saber respeitar tanto o seu ponto de vista como o do, do, da outra pessoa que está naquele momento, naquela situação [...] (Margarida)</i></p>	<p>Na percepção de <i>Margarida</i>, os atos de consciência, como aguçar a consciência, promover diálogos, colocar pontos de vista, entre outros, são atos comuns e necessários no processo logoeeducativo. Esses atos contribuem com o desenvolvimento e amadurecimento da criança, fazendo com que ela seja preparada para o enfrentamento da vida e proporcionando a resolução dos conflitos e superação das adversidades que podem surgir no decurso de sua existência e, em última instância, tornando-a resiliente.</p>
Falas dos sujeitos - Unidade “Responsabilidade”	Enunciação na linguagem da teoria
<p><i>[...] eu acho que através dos projetos que a gente consegue, que a gente aprende ali, por exemplo trabalhar um conceito importante: a responsabilidade, então como a gente vai trabalhar a responsabilidade em sala de aula, então tem um projeto reciprocidade que a gente consegue é... vê a ca... o desenvolvimento das crianças né, que tem cada uma tem a sua função ali, durante o mês, então eles vão trocar é... com um amigo. [...] eu vejo assim mais por esse lado a responsabilidade é... a autonomia das crianças que eles têm ali também, cuidando um do outro. (Peônia)</i></p>	<p>Para a logoeeducadora <i>Peônia</i>, a responsabilidade é um dos conceitos mais importantes. Com o projeto Reciprocidade esse conceito torna-se visível e é compartilhado por todos. A distribuição de atividades mensais facilita o desenvolvimento e a vivência da responsabilidade no âmbito escolar. Ela é vista pela logoeeducadora como a autonomia das crianças e se articula com a empatia.</p>

continua...

Falas dos sujeitos - Unidade “Vir a ser”	Enunciação na linguagem da teoria
<p><i>Ah... uma contribuição bem grande porque nos momentos de, de assembleia nos momentos dos projetos que são aplicados em sala de aula e até mesmo nos momentos de aprendizagem a logoeducação pode me ajudar muito com a, a... o uso da resiliência, da empatia e principalmente do crescimento pessoal de cada um. (Prímula)</i></p>	<p>Para <i>Prímula</i>, a logoeducação contribui efetivamente com as potencialidades de cada educando e instiga o desenvolvimento da resiliência, a prática da empatia e o crescimento pessoal articulado à essas instâncias. A logoeducação com fundamentos logoterapêuticos estimula a percepção da tensão entre o <i>ser</i> e o <i>dever ser</i>, contribuindo com o encontro dos sentidos múltiplos na vida dos educandos enquanto seres potencialmente capacitados para ir além de si mesmos.</p>
Falas dos sujeitos - Unidade “Autotranscendência”	Enunciação na linguagem da teoria
<p><i>Ai eu não consigo nem desassociar mais a logoterapia, da educação e da minha vida porque assim, a gente tem que fazer tudo com um sentido, com sentido pra sua vida, com sentido pra sua profissão, com sentido pros alunos e com o sentido é fazer o melhor, aquilo que é adequado pra faixa etária da sua turma, aquilo que eles precisam não só pra ter um conhecimento é... escolar mas aquilo que eles precisam pra vida no dia a dia porque a gente acredita que ele só vai ter uma formação completa se ele tiver tudo isso junto. (Girassol)</i></p>	<p>A logoeducação, na visão de <i>Girassol</i>, é tão significativa na sua prática pedagógica que não há mais como dissociar uma da outra, contribuindo efetivamente com a autêntica vivência da autotranscendência que, na visão frankliana, corresponde à “essência da existência”, como fato antropológico que orienta o homem para algo além de si mesmo. Por isso, é relevante tanto no cotidiano escolar quanto na vivência do educando em outras instâncias, proporcionando um aprendizado significativo para a vida de todos os envolvidos no processo educativo.</p>

Cada unidade de significado reflete a influência da logoeducação na formação e na prática pedagógica dessas educadoras. Desse modo, preceitos como: aguçar a consciência, responsabilidade (assim como a liberdade), potencialidades como o *vir-a-ser* (também vinculadas com a tensão entre o *ser* e o *poder ser*) e, por fim, a autotranscendência, são extremamente significativos na teoria frankliana, tendo em vista que todos eles favorecem ou contribuem com o desenvolvimento da resiliência, atuando diretamente na dimensão noológica.

Nesse contexto, torna-se imprescindível o reconhecimento dessa prática pedagógica centrada no sentido como algo que auxilia e/ou estimula o crescimento/desenvolvimento da resiliência, decorrente da noodinâmica enquanto “movimento interno que nos faz sair de uma posição de conforto e seguir” (FREITAS, 2016 *apud* FREITAS, 2017, p. 83). Essa tensão entre o *ser* e o *dever-ser* e a superação dos sofrimentos que fazem parte da vida de qualquer ser humano são tratados com frequência na logoeducação.

Essa pedagogia visa a formação integral do ser humano, considerando-o em sua totalidade, como constatado na fala de *Girassol*: “*Se ele tiver conhecimento, se ele for um ser humano de bem, se ele tiver a religiosidade, então a nossa escola ela visa sempre essa formação integral da pessoa [...]*”. Ademais, os preceitos franklianos presente nessa perspectiva pedagógica enfatizam um olhar mais sensível para as particularidades de cada educando, “*vendo as possibilidades de cada um, vendo as limitações de cada um, porque aqui a gente consegue enxergar que cada criança é um ser único e irrepetível, a gente procura explorar essas potencialidades de cada um*” (*Girassol*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face dos resultados da investigação, pode-se apreender que fenômenos como resiliência e empatia são extremamente significativos no processo logoeducativo e podem ser vistos como

fenômenos complementares. Essa complementação ocorre porque, quando o indivíduo desenvolve a resiliência, aprende a lidar/superar adversidades e, em muitos casos, esse aprendizado ocorre a partir da experiência do outro. Ademais, esse processo só é possível por meio da empatia e, nesse sentido, percebe-se uma dinâmica de retroalimentação na qual o indivíduo resiliente torna-se empático e vice-versa.

De acordo com a análise realizada, logoeducação e resiliência são fenômenos complementares e, enquanto no primeiro encontram-se os preceitos franklianos na prática pedagógica, valorizando a autotranscendência, as potencialidades de cada um como ser humano único e irrepitível, a responsabilidade, o aguçar da consciência, entre outros, como constitutivos da pedagogia centrada no sentido, na segunda esses elementos são contributos que auxiliam na ação resiliente enquanto processo salutogênico.

Pode-se destacar ainda, como outro resultado da investigação, o fato de que a logoeducação pode ser desenvolvida desde cedo, ampliando a percepção de que as frustrações fazem parte da vida e precisam ser tratadas com naturalidade desde a mais tenra idade. Em muitas circunstâncias, atualmente, os pais tentam blindar seus filhos, tentando a qualquer custo evitar que se deparem com o sofrimento, porém, essa proteção exacerbada pode ser prejudicial, tendo em vista que todo o ser humano vai se deparar com o sofrimento, mais cedo ou mais tarde.

Tudo que foi dito até aqui demonstra a relevância da logoeducação e da resiliência no desenvolvimento das crianças e, de modo mais específico, na atuação da dimensão noológica delas, corroborando o processo de estímulo e desenvolvimento de preceitos que contribuem com o amadurecimento dos indivíduos e, conseqüentemente, com um convívio mais harmônico em sociedade. Desse modo, só se pode almejar que outros pesquisadores possam se debruçar sobre esses fenômenos para ampliar a compreensão e, ao mesmo tempo, aplicar a logoeducação como fator de contribuição para a resiliência, auxiliando na construção de uma sociedade mais saudável em todas as suas dimensões.

RESILIENCE AND EDUCATION: A PHENOMENOLOGICAL APPROACH OF THE LOGOEDUCATION PRACTICE

Abstract: this article aims to present the relevance that resilience has in school practice and in the scope of logoeducation. Logoeducation consists of the application of Logotherapy – oriented towards the meaning of life and developed by the viennese psychiatrist Victor Emil Frankl, to the scope of education. Therefore, presents a practical case in a school that uses this theory in its pedagogical practice. This case study was realized with the teachers and indicate that resilience and empathy are most significant elements in the pedagogical action in school daily life, according to the logoeducators who contributed to this study.

Keywords: Resilience. Logoeducation. Phenomenology.

Nota

1 Disponível em: <https://www.arquiteturadasflores.com.br/significado.php>

Referências

ACEVEDO, Geronimo; BATTAFARANO, Mauricio. *Conciencia y resiliencia*. Buenos Aires: Centro Viktor frankl para la difusión de la Logoterapia, 2008.

ANDRÉ, Marli. O que é estudo de caso qualitativo em educação? *Revista da FACEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

- AQUINO, Thiago Antonio Avellar. *Sentido da vida e valores no contexto da educação: uma proposta de intervenção à luz do pensamento de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- BELLANTONI, Domenico. *Religione, spiritualità e senso della vita: la dimensione trascendente come fattore di promozione dell'umano*. Milano/Itália: FrancoAngeli, 2019.
- BRANDÃO, Juliana Mendanha; MAHFOUD, Miguel; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia*, v. 21, n. 49, p. 263-271, maio/ago. 2011. Disponível em: www.scielo.br/paideia. Acesso em: 12 maio 2023.
- BRUZZONE, Daniele. *Afinar la consciència: educación y búsqueda de sentido a partir de Viktor E. Frankl*. Buenos Aires: San Pablo, 2011.
- CASTELO BRANCO, Paulo Coelho. Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos. *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies* – XX, n. 2, p. 189-197, jul./dez. 2014.
- CYRULNIK, B. *La maravilla del dolor: el sentido de la resiliencia*. Buenos Aires: Granica, 2006.
- FAJARDO, Indinalva N.; MINAYO, Maria Cecília de S.; MOREIRA, Carlos Otávio F. Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, p. 761-774, out./dez. 2010.
- FREITAS, Marina Lemos Silveira. *Pedagogia do Sentido: contribuições de Viktor Frankl para a educação*. Ribeirão Preto/SP: Instituto de Educação e Cultura Viktor Frankl – IECVF, 2017.
- GIORGI, Amedeo; SOUSA, Daniel. *Método fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de século, 2010.
- GIORGI, Amedeo. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. (orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Trad. Ana Cristina Nasser. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MARUJO, Noémi. O estudo de caso na pesquisa em turismo: uma abordagem metodológica. *Turismo: Estudos e Práticas (RTEP/UERN)*, Mossoró/RN, v. 5, n. 1, p. 113-128, jan./jun. 2016.
- MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.
- TORRALBA, Francesc Roselló. *Inteligência espiritual*. [Trad. João Batista Kreuch]. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. [Trad. Daniel Grassi]. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.